



PERCURSO GRÁFICO

Sandra Correia Favero - ECA/USP; CEART/UDESC

RESUMO: Este artigo pretende evidenciar um espaço vivido, contemplando registros fundados não só numa linda paisagem mas também perturbando e despertando questionamentos tanto da ordem da fatura das matrizes em gravura em metal, incluindo os acontecimentos a que me coloco disposta a acalantar e desdobrar em formas e consequências, quanto tentando salientar a fundamental experimentação em ateliê.

Palavras-chave: Gravura. Experimentação em ateliê. Possibilidades gráficas.

ABSTRACT: *This article aims to show a lived space, contemplating records founded not only a beautiful landscape, but also disturbing and arousing questions, both order invoice matrices in metal engraving, including the events that I stand ready to deploy to rock gently the forms and consequences, as trying to emphasize the fundamental experimentation in studio.*

Kew words: *Engraving. Trials in studio. Graphic possibilities.*

Panorama

A experiência artística instiga desafios constantes, o imaginário dispara e dilata as ofertas de direções que podem ser tomadas. As possibilidades gráficas ampliam-se, favorecendo investigações práticas tanto nos modos de construção de imagens, haja vista as possibilidades técnicas inerentes ao meio, como também quanto à ampliação dos domínios espaciais e as proximidades com outros meios expressivos.

No momento contemporâneo, em que o fazer com as próprias mãos recebe uma boa dose crítica de desagrado daqueles crentes de que já não precisamos ter contato físico com o que pretendemos realizar, a memória contida entre a ideia, ação, reflexão e resultado do diálogo que desenvolvo com a matéria adotada tende a fortalecer laços de importância histórica.

Todo o caminho que percorremos na nossa vida, incluindo nossa experiência artística, faz-se presente nas escolhas que fazemos; é impossível, por mais que queiramos, distanciar-nos da rota seguida, reduzindo tudo a um momento de tendência artística, desprezando toda a liberdade expressiva conquistada com responsabilidade poética.

Encontrar-se na paisagem para encontrar-se como paisagem

Foram caminhadas constantes numa praia próxima à minha casa que fizeram emergir emoções que ainda hoje cintilam quando retorno àquele ambiente. Caminhar por ali não traz somente benefícios físicos, mas principalmente benefícios mentais e espirituais, proporcionando momentos de ampliação dos domínios sensitivos.

A luminosidade, a brisa, as ondas, os sons e estalidos da natureza, os verdes e azuis em contraste com troncos cortados e curtidos pela água do mar, o cheiro, tudo enaltece a presença de vida e convida para um bem-estar quase pleno, não fora a intervenção humana.

No livro *A invenção da paisagem*, eu encontro um trecho que exemplifica bem a impressão causada nesse espaço, que é minha referência de estudo.

Abro a minha janela e espero ver a paisagem – qualquer uma, mas sempre uma paisagem. Ela me salta aos olhos em sua forma perfeita. Ela satisfaz plenamente a construção da proposição que a envolve e a faz nascer no exato momento em que a espero.

Para que eu tome consciência de que se trata aqui de um projeto, de que essa paisagem é construída por sua definição, é preciso que algo manque, que algo deixe de ser evidente, que, de repente, uma perturbação se produza: 'Ah!, mas não é tudo aquilo que eu pensava! O amarelo não tem o tom que eu esperava, o mar não é tão azul quanto devia ser...'

É assim que a falha faz aparecer o implícito em toda a sua extensão: a decepção faz nascer a aceitação global da coisa que se esperava. O choque da falha faz surgir um mundo que até então não se conhecia, descobre o horizonte que a coisa ocultava [...] (CAUQUELIN, 2007, p.103-104).

Essa ameaçadora forma de interagir dos homens, ou seja, essa perturbação que a paisagem me provoca, que é resultado dos restos do consumismo que ali chegaram com as marés ou que ali foram largados, numa área que deveria permanecer conservada, desperta a minha consciência e alerta para reações que, no meu caso, precisam ser registradas por meio do que penso saber fazer: gravura.

Reconhecendo o espaço do estuário

Ponta da Daniela não é só uma ponta de praia, mas um estuário onde se encontra um mangue, exatamente na Reserva Carijós com o rio Ratoões desembocando no mar, norte da ilha de Florianópolis, de frente para o continente (Figura 1).

Pisar sobre a areia não é simplesmente pisar sobre a areia, é sentir que a vida e a morte estão presentes ali. Em qualquer lugar onde pouse o olhar, em qualquer ponto em que coloco meus pés, eu penso: o que posso estar machucando agora? O que encontrarei morto agora?

Percebo o pulsar de vida nos pequenos buracos abertos no leito vazio, onde o lodo parece pulsar e, quase seco, mantém seres minúsculos fortalecendo-se para enfrentarem a própria vida. No borbulhar do lodo, ouço estalidos, um misto de tons, de odores, de formas que produzem a sensação de plena integração. Para completar a descrição, aves e pequenos pássaros interagem ali, mas, quando da minha aproximação, voam, e com o voo deles, percebo a imensidão do espaço, o poder da luz do sol.



Fig. 1 - Vista do Estuário na Ponta da Daniela, Florianópolis, 2013
Fotografia de Luiz Gabriel Correia Favero
Fonte: Acervo da autora.

Por anos, objetos vêm sendo recolhidos durante minhas caminhadas. Esses objetos surgem na areia como que destinados a um olhar atento. São conchas, caramujos, estrelas do mar, cracas que se desprenderam de outros lugares e vieram parar nas bordas do mangue na Reserva dos Carijós. Mas, entre tudo o que foi

citado, estão objetos deixados pelos frequentadores da praia, restos de obras da construção civil, lixo largado nas margens trazido pelas chuvas, óculos escuros, óculos de natação, latinhas corroídas pelo tempo nas águas salgadas, botas, solas de sandálias, garrafas pet, etc. Tudo isso é recolhido, lavado e selecionado, passando a integrar uma coleção com importância fundamental para o meu processo artístico, formando um diário de objetos poéticos, como pode ser observado na figura 2.



Fig.2 - Objetos recolhidos durante caminhadas na Ponta da Daniela em Florianópolis, 2012
Fotografia de Carolina Favero
Fonte: Acervo da autora.

Toda peça escolhida carrega consigo suas próprias memórias, além de preservar lembranças. Cada objeto tem características bem próprias (Figura 3) da matéria de que se constituem, mais as reações provocadas pelo tempo de convívio com o mar, a areia da praia e os seus microscópicos habitantes. Soma-se a tudo isso a indignação de quem não consegue habituar-se à degradação da natureza pela interferência inconsequente dos frequentadores daquela paisagem. Pode parecer estranho, mas para um espaço que parece “sagrado” aos meus olhos, o ruído que essas peças provocam mexe com o meu imaginário.



Fig. 3 - Óculos de sol encontrado forrado de cracas e algas, 2003
Fotografia de Carolina Favero
Fonte: Acervo da autora.

Ao andar por ali, posso dizer que encontro também a morte, deparo-me com coisas que atraem meu olhar, paro, observo, pego; um poder atrativo atíça minha vontade de levar comigo esse objeto perdido, descartado e rejeitado. Entre a consciência e o inconsciente parece haver um espaço que aciona relações que passo a fazer. O objeto deixa de ser só uma latinha amassada e corroída pela ação do tempo, da água do mar, da areia, passando a dar indícios de semelhanças com outras coisas. Observando suas dobras, seus tons, suas aderências, as texturas que se formam com as matérias orgânicas que nelas se instalam, vejo a transformação destes quando se tornam áreas de procriação e imagino graficamente como gravar todas essas formas sobre uma chapa de metal para conseguir resultados que ofereçam aquela impressão de que só poderiam surgir daquela maneira.

Muitas vezes essas imagens ficam transitando no meu imaginário por muitos dias, anos, até que em algum instante surge a possibilidade de se tornarem uma matriz. É preciso paciência, outra etapa começa a formar-se nos meus pensamentos, outras questões interpelam as ideias articuladas. Assim como o meu comando cerebral não dá conta de reproduzir com estrita fidelidade o que projeto mentalmente, também a execução sobre uma chapa de metal não acontece necessariamente com projeto, a matéria tem suas particularidades e convida para o momento do diálogo entre o meu querer fazer e o meu pensar, a ação sobre o material e a reação dessa matéria sobre as atitudes. Vem o bom senso (muitas vezes ele se ausenta), e determina os rumos, o momento das definições.

Comentando o que chama a atenção

A proximidade existente entre o que me atraía ultimamente nas matrizes em metal e os objetos que descobri nas caminhadas levou-me a encontrar e também a procurar uma interação entre eles, direcionando um modo de trabalho sobre as matrizes.

Ao observar que cada craca, cada alga que se formou e se “cristalizou” ali num determinado objeto formam um conjunto, um novo arranjo estético, como é possível observar nas figuras 4 e 5, percebo que o avesso das minhas antigas matrizes de gravura em metal proporciona isso também, porém, por meio das reações químicas dos ácidos onde o verniz se abriu. Delicadezas perceptíveis somente muito próximas aos olhos traduzem-se em valores poéticos, resgatam e podem promover transformações sensíveis, aproximam o já existente com o que sugerem essas formas naturais encontradas.



Fig. 4 - Arquivo de plástico encontrado na beira do mar, Ponta da Daniela, Florianópolis, 2011
Fotografia de Sandra Correia Favero
Fonte: Acervo da autora.



Fig. 5 - Parte de uma latinha encontrada na Ponta da Daniela, Florianópolis, 2008
Fotografia de Carolina Correia Favero
Fonte: Acervo da autora.

Parece mesmo que essas reações são para evidenciar a força verdadeira, a inversão de domínio. Nós, seres humanos, por mais que nos desprendamos das nossas raízes naturais, somos sempre apanhados de surpresa pelo incontrolavelmente surpreendente poder de adequação e, como consequência, transformação da natureza.

A atração que sinto por essas reações da natureza e a aproximação que busco no fazer uma gravura, como da figura 6, atravessam as experimentações em ateliê, os limites que posso alcançar e ultrapassar, desafiar a matéria, provocar reações e fazer bom uso das transformações que se sucedem. O tempo de ateliê mostra-se cada vez mais essencial, uma vez que as transformações que se dão a cada imagem instigam novas buscas. Novos acontecimentos sucedem-se, e a constância propulsiona sempre outros desafios. É como estar seguindo sempre um percurso que impõe novas investidas.



Fig. 6 - Detalhe de uma gravura em metal de Sandra Favero – *S/ título* – utilizando-se o avesso de uma matriz. A imagem encontrada na chapa foi impressa com violeta e preto, com uma sobreposição da cor azul feita com rolo. Os pontos em branco surgiram quando se jogou carbonato de magnésio, 2011.

Fotografia de Carolina Favero
Fonte: Acervo da autora.

O que em um determinado momento é nada para mim, aquilo que foi abandonado, o rejeito de um momento, tudo isso passa a ser resgatado, reelaborado, recortado, transformado. Camadas de diferentes impressões com a mesma matriz ou diferentes matrizes vão dando forma àqueles referenciais encontrados na água, na areia, no lodo.

A escolha da gravura em metal para essa pesquisa ocorre pelas possibilidades que esse meio oferece para trazer para as matrizes e suas estampas sensações aproximadas aos contatos diretos que tive com a areia, texturas e tonalidades, os desenhos que se formam quando as ondas batem na beira do mar, ou quando um caramujo em movimento forma rastros que são desenhos livres gravados na superfície arenosa. Ou, quando o leito do estuário na zona entremarés deixa as ondulações marcadas em baixo relevo. Enfim, vejo em tudo gravura em metal, acontece uma adequação visual quase que imediata.

Diferentemente da xilogravura, que me traz a busca pela exatidão do corte, a ansiedade do ver finalizada a imagem/matriz, procuro fazer do trabalho em metal uma experiência mais paciente, um pouco menos impulsiva, talvez, em que o diálogo permanece mais aberto, permitindo uma reflexão mais introspectiva, um refazer quase que constante, por mais que o referencial externo seja a imensidão do mar, da areia.

REFERÊNCIAS

CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sandra Correia Favero

mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas, área de concentração Gestão em Design, 2003. Professora da área de gravura no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis. Coordenou o Programa de Extensão *Articulando Poéticas* (2010) e o Projeto de Extensão *Gravar Gravando Gravura* (2003 a 2010). Desenvolve pesquisas de arte contemporânea. Cursa o doutorado na Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração Poéticas Visuais, linha de pesquisa Processos de Criação em Artes Visuais, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Claudio Mubarac, ingresso em 2011.